



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7778 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

A PERSPECTIVA DE PROFESSORAS-ARTISTAS SOBRE O “DESENHO ESPONTÂNEO” INFANTIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Marilene Oliveira Almeida - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

O interesse pelo desenho infantil tornou-se tema de debate em Congressos Internacionais de Desenho, tais como os realizados em Paris, em 1900; em Berna, em 1904; em Londres, em 1908, em Dresde, em 1912; em Bruxelas, em 1935. Propostas de ensino do desenho para crianças circularam no Brasil da primeira metade do século XX. Nesse contexto, por meio de pesquisa documental, de doutoramento, buscou-se compreender o “método” de ensino do desenho da artista e professora suíça Louise Artus-Perrelet (1867-1946) em termos de educação estética para formação de professores primários à luz das tendências modernistas de arte e dos princípios da Escola Nova.

Artus-Perrelet é autora do livro *Le Dessin au Service de l'Éducation* (1917), editado em espanhol em 1921 e 1935, este com prefácio de Víctor Masriera (1875-1938), e em português, em 1930. Seu método de ensino do desenho, considerado por ela como um “não método”, foi divulgado em países da Europa e América, entre eles o Brasil. Contratada pelo governo mineiro, e depois pelo governo carioca, Artus-Perrelet atuou como professora de Desenho e Modelagem na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte entre 1929 e 1930, realizou palestras e um curso de desenho e jogos educacionais para professores primários no Rio de Janeiro, entre março e maio de 1931.

A interpretação dos dados, encontrados em acervos no Brasil e na Suíça, foi pautada pela análise de conteúdo, tendo sido analisadas fontes inéditas como o próprio livro da artista-professora nas três suas edições; jornais brasileiros, a maioria reportagens publicadas por Cecília Meireles (1901-1964) na *Página de Educação* do periódico carioca *Diário de Notícias*; jornais suíços; relatórios de premiações; programas de ensino; manuscritos e correspondências trocadas entre personagens ligados à educação e arte da época.

Os resultados indicaram que a formação artística de Artus-Perrelet transcorreu no contexto de associação entre as artes plásticas e artes aplicadas, que vinha se desenvolvendo desde as transformações ocorridas pela revolução industrial. A sua pedagogia afiliava-se aos princípios da educação funcional e pedagogia experimental, originadas no Instituto Jean-Jacques Rousseau (1912). Ao se analisar os escritos de Paul Klee (1879-1940) e Wassily Kandinsky (1866-1944), artistas-professores que trabalharam na modernista Escola Bauhaus, percebe-se pontos de convergência entre as perspectivas e o método de Artus-Perrelet.

Os dados encontrados reafirmaram ainda que o método Artus-Perrelet baseava-se no ensino dos elementos fundamentais do desenho por meio das formas geométricas simples, a partir do ponto de vista da criança, da captação sintética da forma, estimulada pela percepção e intuição na relação direta com os objetos, com o cotidiano e com a natureza. Artus-Perrelet buscava formar o professor na intenção de incentivar as crianças a compreenderem os conceitos básicos do desenho por meios ativos, como propostas de atividades corporais ou jogos simbólicos. Defensora de uma maior integração entre as artes, a artista-professora entendia que elementos como o ritmo, por exemplo, poderiam ser percebidos nas diferentes linguagens artísticas, tais como o desenho, a literatura, o teatro ou a música. Barthélemy Menn (1815-1893), professor de figura na *École des Beaux-Arts* de Genebra, quem teria incentivado Artus-Perrelet a voltar sua trajetória profissional para a educação, influenciando-a na crença do conhecimento como fundamento para a criação, que ela adota fortemente em seu método

As repercussões de seu método no Brasil podem ter estimulado as primeiras discussões sobre o “desenho espontâneo” da criança entre profissionais da área. Registros encontrados no periódico carioca demonstram a abordagem do tema desde 1931, em artigos assinados pelo arquiteto e professor de desenho Fernando Nereu de Sampaio (1892-1943), que se inspirava nas teorias educacionais do estadunidense John Dewey (1859-1952). Para Sampaio, a verdadeira expressão da espontaneidade infantil baseava-se na concepção de que a criança pequena deveria desenhar livremente, sem orientação ou condução do professor.

Outro registro do mesmo periódico, de 1934, relata a entrevista com a artista e professora Georgina Moura Andrade de Albuquerque (1885-1962), também autora de um método de ensino para crianças. Georgina havia participado da pioneira seção artística realizada no Congresso Brasileiro de Educação naquele ano, em Fortaleza, Ceará, onde apresentou sua tese sobre como deveria ser compreendido o desenho espontâneo nas escolas primárias: um auxiliar do aprendizado para se chegar ao desenho geral. Para ela, o desenho da criança deveria ser guardado sem a intervenção do professor, cujas correções ocorreriam no quadro negro. No mencionado evento, Georgina discordou do relator Edgar Sussekind (1865-1962), para quem o desenho espontâneo serviria como um teste.

Artus-Perrelet questionava a existência de um desenho espontâneo, para a educadora quando a criança toma um lápis e desenha um boneco, por exemplo, está, na realidade, representando voluntariamente uma imagem que vive dentro do seu cérebro. Sua interpretação consistia na compreensão de que tal desenho seria uma reminiscência do que a criança desejava fixar no papel, devendo-se chamá-lo “desenho livre”. No método Artus-Perrelet o registro com o lápis e papel seria a última expressão de um longo processo para se conhecer os elementos fundamentais do desenho: ponto, linha, formas geométricas, noções de equilíbrio, de proporção, de perspectiva, de movimento, de síntese da forma, de composição etc. Este processo se daria pela observação, experimentação, investigação e pela crítica, e seria vivenciado em uma espécie de jogo interativo, pela ação e pelo movimento, envolvendo todo o corpo da criança em constante relação com as coisas e os fenômenos do ambiente.

Palavras-chave: Desenho espontâneo. Educação estética. Formação de professores primários.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Georgina. Desenho como base no ensino de Artes Plásticas. Tese

apresentada no concurso para a cadeira de desenho - Curso de Pintura da Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1942. Disponível em:

http://www.dezenovevinte.net/txt_artistas/ga_desenho.pdf. Acesso em: 29 de ago. 2020.

DIARIO DE NOTICIAS. Rio de Janeiro – Publicações da Seção Pagina de Educação: 24/05/1931; 29/05/1931; 03/06/1931; 09/06/1931; 19/06/1931; 15/07/1931. Disponível em Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (online).

FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. A obra educacional de Cecília Meireles: um compromisso com a infância. *Acta Scientiarum*. Education Maringá, v. 32, n. 1, p. 93-103, 2010.

PERES, José Roberto Pereira. Uma experiência de especialização de professoras primárias em Desenho e Artes Industriais no Instituto de Educação do Distrito Federal – RJ (1932-1939). In: *Cartema - Revista do Programa de Pós-graduação em artes Visuais UFPE - UFPB*, nº 7, Ano 7. Recife, 2018. p. 33- 47. ISSN: 2316-9311p

SAMPAIO. Fernando Nerêo de. *O desenho ao Alcance de todos*. Para o uso, nas Escolas Normais e Profissionais de Belas Artes. Distrito Federal: Companhia Editora Nacional, 1938.

SILVA, Thais Canfield da. Revisitando Georgina de Albuquerque: Caminhos para uma revisão historiográfica de sua trajetória. In: OLIVEIRA, Luiz Sérgio de; TÁVORA, Maria Luisa (Orgs.). *Estado de Alerta! (livro 2)* – Encontro ANPAP Sudeste de Jovens Pesquisadores 2018, Niterói, Rio de Janeiro, PGCCA-UFF, 2018.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Entre convenções e discretas ousadias: Georgina de Albuquerque e a pintura histórica feminina no Brasil. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 17, n. 50, p. 143-159, out., 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000300009>.